**As Têmporas do Advento**

(Prosper Guéranger, *Année liturgique : l’Avent, propre du temps*.)

Neste dia, a Igreja começa a praticar o jejum das Quatro Têmporas, que também inclui a sexta-feira e o sábado seguintes. Essa prática não pertence adequadamente à economia litúrgica do Advento: ela é uma das instituições gerais do ano eclesiástico. Pode ser catalogada no número de costumes que a Igreja imitou da sinagoga, porque o profeta Zacarias fala do jejum do quarto, quinto, sétimo e décimo meses. A introdução desse costume na Igreja cristã parece remontar aos tempos apostólicos; tal é, pelo menos, a opinião de São Leão Magno, Santo Isidoro de Sevilha, Rábano Mauro e muitos outros escritores da antiguidade cristã: no entanto, chama a atenção o fato de os orientais não observarem este jejum.

Na Igreja Romana, as Quatro Têmporas foram fixadas, desde os primeiros séculos, nas mesmas datas em que ainda hoje são celebradas; e se é possível encontrar numerosos testemunhos dos tempos antigos, nos quais são mencionadas apenas Três Têmporas em vez de quatro, é porque as Têmporas da primavera, como sempre caem na primeira semana da Quaresma, não acrescentam nada às práticas da Santa Quaresma, já dedicada a um jejum mais rigoroso do que os praticados no restante do ano.

As intenções do jejum das Quatro Têmporas são as mesmas na Igreja e na Sinagoga, isto é, santificar cada uma das estações do ano através da penitência. As Têmporas do Advento são conhecidas na antiguidade eclesiástica com o nome de Jejum do décimo mês; e São Leão Magno (em um dos sermões que ele nos deixou sobre este jejum, do qual a Igreja colocou, aliás, um trecho no segundo Noturno do Terceiro Domingo do Advento) nos ensina que esse tempo foi escolhido para uma demonstração especial da penitência cristã porque, assim que a colheita dos frutos da terra termina, é conveniente que os cristãos mostrem sua gratidão ao Senhor através do sacrifício da abstinência, tornando-se assim mais dignos de se aproximarem de Deus, quanto mais souberem superar o apego às criaturas. “Porque — acrescenta o Santo Doutor — o jejum sempre foi o alimento da virtude. É a fonte dos pensamentos castos, das resoluções prudentes, dos conselhos salutares. Pela mortificação voluntária, a carne morre aos desejos da concupiscência, o espírito se renova na virtude. Mas, já que o jejum sozinho não é suficiente para alcançar a salvação de nossas almas, suprimos o que lhe falta com obras de misericórdia para com os pobres. Concedemos à virtude o que tiramos do prazer; e a abstinência do que jejua serve como alimento para os pobres”.

Não nos esqueçamos destas exortações, já que somos filhos da Santa Igreja, e como vivemos em uma época em que o jejum do Advento não existe mais, observemos o preceito das Quatro Têmporas com muito mais fervor, já que esses três dias, juntamente com a Vigília de Natal, são os únicos em que a atual disciplina da Igreja[[1]](#footnote-1) nos obriga, de maneira precisa, a manter o jejum. Reanimemos em nós, com a ajuda dessas práticas, o zelo dos tempos antigos, tendo sempre em mente que, se a preparação interior é necessária antes de tudo para o Advento de Jesus Cristo a nossas almas, essa preparação não seria verdadeira em nós se não fosse manifestada externamente nas práticas de religião e penitência.

O jejum das Quatro Têmporas tem outro objetivo além de santificar, por um ato de piedade, as várias estações do ano. Tem uma íntima relação com a Ordenação dos Ministros da Igreja, que são ordenados no sábado e cuja ordenação antigamente era anunciada ao povo na Missa da quarta-feira. Foram por muito tempo célebres, na Igreja Romana, as Ordenações do mês de dezembro; e o décimo mês era, pelo que se lê nas antigas Crônicas dos Papas, a única ocasião em que as Sagradas Ordens eram conferidas em Roma, com raras exceções. Os fiéis deviam unir-se às intenções da Igreja e apresentar a Deus a oferta de seus jejuns e abstinência, a fim de obter dignos ministros da Palavra e dos Sacramentos, e verdadeiros Pastores do povo cristão.

1. Código de 1917 – Can. 1252 §2: “Lex abstinentiae simul et ieiunii servanda est [...] feriis Quatuor Temporum, pervigiliis [...] Nativitatis Domini”. [↑](#footnote-ref-1)